

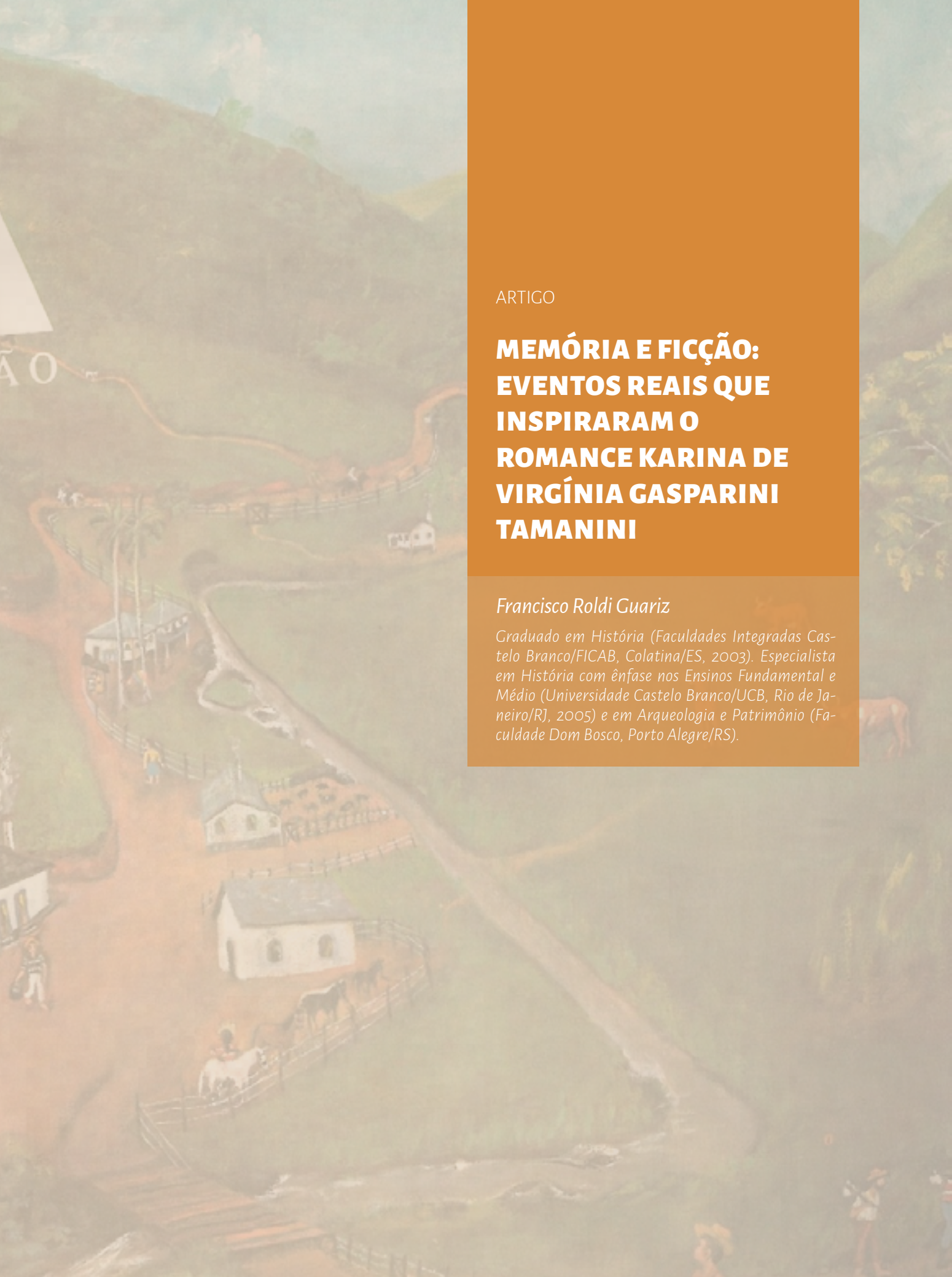
VIRGINIA G. TAMANINI

KARINA

5ª EDIÇÃO

ROMANCE



The background of the page is a painting of a rural landscape. It features a river flowing through a valley, with hills in the background. In the foreground, there are several small buildings, possibly a farm or a small village, and a few figures of people. The painting is in a soft, painterly style with muted colors.

ARTIGO

MEMÓRIA E FICÇÃO: EVENTOS REAIS QUE INSPIRARAM O ROMANCE KARINA DE VIRGÍNIA GASPARINI TAMANINI

Francisco Roldi Guariz

Graduado em História (Faculdades Integradas Castelo Branco/FICAB, Colatina/ES, 2003). Especialista em História com ênfase nos Ensinos Fundamental e Médio (Universidade Castelo Branco/UCB, Rio de Janeiro/RJ, 2005) e em Arqueologia e Patrimônio (Faculdade Dom Bosco, Porto Alegre/RS).



Resumo

No presente artigo, discutiremos sobre três eventos reais, de ampla repercussão na imprensa capixaba, que foram adaptados pela escritora teresense Virgínia Gasparani Tamanini na composição da obra *Karina*. O romance histórico, cuja primeira edição foi publicada em 1964, narra a saga dos imigrantes italianos que, a partir da década de 1870, radicaram-se no Espírito Santo, iniciando o processo de emigração em massa dos peninsulares para o Brasil. O primeiro caso examina a morte de Arthuro, marido da protagonista Karina, personagem inspirado no comerciante trentino Lorenzo Tamanini, desaparecido em Baixo Guandu em março de 1883. O segundo, reconstitui o ataque de bandidos, em 27 de junho de 1893, à residência e casa comercial de Gustavo Beicher, imigrante germânico cujo correspondente real foi Jeronymo Vervloet, político, proprietário de terras e negociante de origem belga, em Santa Teresa. O terceiro e último evento retrata a manifestação de uma grave epidemia de varíola que, em 1904, abalou a população teresense, gerando um quadro de mortes, incertezas e relatos de truculência policial. Para subsidiar a presente pesquisa, além de livros, dissertações e artigos, analisamos jornais de época e fontes primárias, com destaque para o primeiro Livro do Tombo da Paróquia de Santa Thereza.

Palavras-chave: *Karina*, imigração, investigação, crimes, varíola.

Abstract

In this article, we will discuss three real events, which were widely reported in the Espírito Santo press, and which were adapted by the writer Virgínia Gasparani Tamanini in her novel *Karina*. The historical novel, the first edition of which was published in 1964, tells the saga of the Italian immigrants who, from the 1870s onwards, settled in Espírito Santo, beginning the process of mass emigration of the peninsulares to Brazil. The first case examines the death of Arthuro, husband of the protagonist Karina, a character inspired by the Trentino merchant Lorenzo Tamanini, who disappeared in Baixo Guandu in March 1883. The second reconstructs the attack by bandits, on June 27, 1893, on the residence and business house of Gustavo Beicher, a German immigrant whose real-life correspondent was Jeronymo Vervloet, a politician, landowner and businessman of Belgian origin, in Santa Teresa. The third and final event depicts the outbreak of a serious smallpox epidemic which, in 1904, shook the population of Santa Teresa, causing deaths, uncertainty and reports of police truculence. To support this research, in addition to books, dissertations and articles, we analyzed period newspapers and primary sources, especially the first Book of Records of the Parish of Santa Thereza.

Keywords: *Karina*, immigration, investigation, crimes, smallpox.

1. A obra Karina e a saga da imigração italiana no Espírito Santo

Durante o século XIX, o Espírito Santo recebeu, oficialmente, 46.885 imigrantes das mais diferentes nacionalidades, dos quais 34.925 provinham da Itália (FRANCESCHETTO, 2014).

Embora o número de imigrantes italianos asentados no território espírito-santense tenha sido relativamente baixo quando comparado a outras partes do país, como São Paulo, Rio Grande do Sul Minas Gerais, nenhum outro estado da federação foi tão densamente explorado pela força de trabalho italiana quanto o Espírito Santo (Busatto, 1990). Segundo Colbari (1997), diversos lugares que, antes da chegada dos imigrantes, eram cobertos por extensas matas, despovoados e improdutivos, foram transformados em núcleos prósperos. Na década de 1920, esses locais já contavam com luz elétrica, casas comerciais, pequenas indústrias e escolas. Atualmente, estima-se que entre 50 e 60% da população capixaba possua ascendência italiana¹.

Dada a importância do fenômeno migratório italiano para a formação social, cultural e econômica do Espírito Santo, o tema despertou a atenção de um número considerável de pesquisadores e curiosos, sendo documentado em livros, dissertações, artigos e produções memorialistas.

Dentre tais trabalhos, Karina, de Virgínia Gasparini Tamanini², ocupa um papel de destaque, sendo

certamente a obra mais conhecida e impactante que narra o testemunho dos primeiros imigrantes italianos em terras capixabas (Bianchi, 2012, p. 80). Lançado originalmente em 1964, como primeiro romance da autora, o livro conta com quinze edições publicadas até 2014, e uma tradução, em 1980, para o italiano pelo Museo Degli Usi e Costumi Della Gente Trentina de San Michelli all'Adige.

No romance histórico, o escritor possui liberdade para construir o texto a partir da imaginação e da fantasia literária, não atendo-se apenas à recriação concreta do verídico. Assim, Tamanini, ao introduzir a saga migratória por meio da literatura, destitui-se do compromisso com a representação da verdade, assumindo a possibilidade de apresentar novas versões da história (Bissoli, 2015).

No entanto, em Karina, a autora faz uma descrição pormenorizada do modo de vida dos primeiros colonos. A obra, narrada em primeira pessoa, sob a perspectiva da protagonista Karina, apresenta os sonhos, as angústias, os dilemas e as conquistas dos pioneiros nas recém-criadas colônias do interior capixaba, sobretudo Santa Leopoldina, Santa Teresa e Ibi-raçu. Ao mesmo tempo, revela-nos aspectos e indícios relevantes acerca das novas relações sociais instituídas nos incipientes povoados em desenvolvimento, o contato com a natureza, o uso do solo e a busca frequente pela “terra prometida” (Dadalto, 2007). Retrata, desse modo, fatos que se confundem com as experiências vivenciadas pela família da autora, ao mesmo tempo em que representa a enunciação coletiva de milhares de mulheres imigrantes (Bianchi, 2012).

Para os imigrantes italianos, a viagem, que na década de 1870 variava de 28 a 45 dias, representava o prenúncio das dificuldades que, mais tarde, encontrariam em solo brasileiro. A partida de Karina e Arturo, seu resolutivo marido, que fora seduzido pela propaganda idílica de Tabachi, foi traumática. Dividida entre os projetos do esposo e a súplica dos pais, a protagonista abandonou a pequena Mattarello sem despedir-se:

¹ Dispõe-se de resultados de pesquisas que indicam uma cifra ligeiramente inferior a 50% à população capixaba de ascendência italiana. Outras apontam 65%, contra, por exemplo, os 60% de Santa Catarina, menos de 40% do Paraná, 30% de São Paulo e 22% do Rio Grande do Sul (APEES, 2014, p. 19). Para uma análise mais aprofundada desta questão, sugerimos a leitura do artigo – O Discurso da Italianidade no ES: Realidade ou Mito Construído, de Maria C. Dadalto (<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/3746/3034>). Hoje, o Espírito Santo possui 3.833.712 habitantes (IBGE, 2022).

² Escritora, poetisa, pintora e teatróloga. Nasceu em Santa Teresa, na Fazenda Boa Vista, a 4 de fevereiro de 189. Seus pais, Epifanio Giuseppe Gasparini e Cattarina Cassandra Tamanini, emigraram da Itália setentrional entre os anos de 1875 e 1876. Em 1915, aos dezoito anos, casou-se com seu primo Lourenço Luiz Tamanini, com quem teve quatro filhos. Ela faleceu em 18 de outubro de 1990, em Vitória, aos 93 anos. Sobre a produção cultural de Virgínia, recomendamos a leitura das

dissertações de mestrado – O romance Karina e a imigração italiana nos caminhos trilhados pela protagonista, de Luiz C. Bianchi; e Os Avatares da Cultura Italiana em Karina, de Silvana C. Bissoli. Ambas foram citadas nas Referências deste artigo.

No porto de Gênova o velho barco Fenelon parecia orgulhar-se de sua preciosa carga: a mocidade sadia do norte da Itália, de espírito alegre e sonoro dialeto, a lhe encher o convés de vozes e risos [...]. A uma trepidação das máquinas o barco se moveu e muitos lenços se ergueram e se agitaram [...]. Foi então que divisei, de repente, no meio da multidão, abrindo caminho a custo até chegar bem à frente de todos, meu pai. Não estava tão longe que não pudesse notar-lhe o imenso desespero. Senti que as lágrimas brotavam, em torrentes, dos meus olhos e desejei que o navio afundasse ali mesmo e tudo terminasse (Tamanini, 2006, p. 24).

Após a longa viagem pelo Atlântico, Karina, Arthuro e seus compatriotas desembarcaram na baía de Vitória. Depois, navegando em canoas pelo rio Santa Maria da Vitória, alcançaram Porto de Cachoeiro, em Santa Leopoldina. A partir desse ponto, os imigrantes abriram uma estrada em direção ao Núcleo Timbuhy³, atual Santa Teresa, primeira cidade fundada pelos italianos no Brasil⁴, onde receberam lotes.

Entretanto, as adversidades encontradas em Santa Teresa, aliadas ao espírito inquieto e laborioso de Arthuro, motivaram a mudança do casal para Conde d'Eu. Fundado em 1877, este núcleo, ligado à colônia de Santa Leopoldina, corresponde hoje aos municípios de Ibiracema e João Neiva.

Os fatos que inspiraram a autora, sobre os quais discorreremos a seguir, tiveram como palco esses dois povoados – Timbuhy (Santa Teresa) e Conde d'Eu, comunidades formadas principalmente por colonos italianos. São eventos chocantes que marcaram, inclusive, a trajetória de vida dos familiares da autora,

em meio ao processo de desterritorialização vivenciado pelos imigrantes.

2. O misterioso desaparecimento de Arthuro (Lorenzo Tamanini, 1883)

Após resistirem às agruras dos primeiros tempos⁵, Arthuro e Karina deixaram Santa Teresa e mudaram-se para Conde d'Eu, onde abriram uma venda e alcançaram relativa prosperidade. Karina, quando da partida, estava grávida. O segundo filho do casal recebeu o nome de César. Em Conde d'Eu, os negócios iam bem, Karina e Arthuro pareciam predestinados a “fazer a América”, até uma fatalidade provocar uma reviravolta em suas vidas.

Ignorando os conselhos e as advertências de sua esposa e amigos, entre eles o padre Martinelli⁶, por quem tinha grande estima, Arthuro viajara para Minas Gerais levando dois lotes de burros carregados de mercadorias. “Para tocá-los e cuidar deles iam dois tropeiros. Também um cozinheiro, para preparar a comida do grupo nos ranchos” (Tamanini, 2006, p. 103).

A viagem, contudo, não correria como esperado. Após dias de angustiada espera, para espanto de Karina, a tropa regressou sem Arthuro. Os homens que o acompanhavam despediram-se dele nas cercanias de Minas Gerais, na fazenda de Manuel Porcino e, depois disso, não o viram mais. Arthuro havia desaparecido.

O fim súbito e prematuro de Arthuro foi inspirado na morte, jamais explicada, de Lorenzo Tamanini,

3 Segundo Sclazer (2015), o acesso ao núcleo foi iniciado em 1872 e concluído em 1874 sob a gestão da diretoria da colônia de Santa Leopoldina. Os trabalhos de abertura de estradas e demarcação de lotes representavam, no início, a única fonte de renda disponível para os colonos, já que suas terras ainda não estavam produzindo. “O café dava fruto após cinco ou seis anos, e neste ínterim os imigrantes precisavam ganhar dinheiro para atender às suas necessidades, mesmo podendo dispor de produtos do campo” (Grosselli, 2008).

4 Lei 13.617, de 11 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13617.htm>. Acesso em: 15 fev. 2017.

5 Entre os principais problemas enfrentados pelo jovem casal, e que, sem dúvida, marcaram a vida de muitos outros compatriotas e imigrantes de diferentes nacionalidades radicados no Brasil, destacam-se: a adaptação ao ambiente natural, o trabalho duro na abertura das estradas, o desconforto dos barracões nos quais alojaram-se provisoriamente, a morte de companheiros de viagem vitimados por moléstias e acidentes e, sobretudo, a perda de um filho ainda bebê, em decorrência de uma forte gripe.

6 Natural da comuna trentina de Centa. Diante do fracasso do empreendimento de Pietro Tabacchi, em Aracruz, mudou-se para São Mateus e, em 1876, tornou-se o primeiro pároco de Santa Teresa, onde permaneceu por onze anos (MÜLLER, 1925). Além disso, também prestou apoio espiritual aos moradores de Conde d'Eu, os quais visitava regularmente. Em 1886, se dirigiu à Guarapari com a intenção de encontrar-se com o Arcebispo do Rio de Janeiro, em visita à província. Foi nesta ocasião que, com pouco mais de 60 anos de idade, faleceu (BIASUTTI, 1994).

imigrante natural da comuna trentina de Matarello, com quem a mãe de Virgínia, a italiana Cattarina Cassandra, foi casada. Portanto, foi a partir dos depoimentos dados pela mãe, rememorando este triste episódio de seu passado, que a autora colheu os dados para compor uma parte do romance, que agora reconstituímos.

Aos vinte e sete anos, Lorenzo emigrou para o Espírito a bordo do navio Las Palmas, tendo desembarcado em Vitória a 27 de dezembro de 1875. Da capital capixaba, ele e sua família, formada pela mulher Cattarina Cassandra (18) e os irmãos Domenico⁷(23) e Giuseppe⁸(18), fixaram-se, inicialmente, no recém-fundado Núcleo Timbuhy.

No entanto, Lorenzo e Cattarina, assim como seus equivalentes ficcionais, permaneceram pouco tempo em Santa Teresa. O casal mudou-se para o Núcleo Santa Cruz, rebatizado mais tarde com o nome de Conde d'Eu, onde abriram uma casa comercial⁹. Em 1879, o casal teve um filho, a quem deram o nome de Cesare.

Em fevereiro de 1883, Lorenzo Tamanini, acompanhado de seu caixeiro e um tropeiro, empreendeu uma viagem de negócios para Linhares, numa área atualmente compreendida pelo município de Baixo Guandu. Junto à pequena comitiva, seguiram treze animais carregados com tecidos e objetos de armário. Não obstante a curta distância que separa os

dois municípios¹⁰, as dificuldades da travessia à época eram imensas devido à precariedade das vias, que, muitas vezes, não passavam de picadas malconservadas que interligavam povoados distantes, separados por grandes extensões de mata fechada.

Para ilustrar este cenário, podemos recorrer aos relatos feitos pela princesa Teresa da Baviera que, em 1888, partindo de Porto de Cachoeiro, em Santa Leopoldina, empreendeu uma extenuante excursão até Regência, no litoral de Linhares. Por conseguinte, ela percorreu boa parte do itinerário que, cinco anos antes, fora cumprido por Lorenzo Tamanini, deparando-se com os mesmos problemas enfrentados pelos tropeiros e demais viajantes que cruzavam a região. Ao final de agosto, referindo-se às condições da estrada, no trecho entre o distrito de São João de Petrópolis¹¹, em Santa Teresa, e a fazenda do brasileiro Fortunato Barboza de Menezes, em Baixo Guandu, Teresa da Baviera anotou em seu diário:

A nossa trilha era indescritivelmente ruim. Novamente tivemos que passar por inúmeros pilões, as tais escadarias de terra como se fossem feitas com arado e em cuja profundidade os animais tiveram que afundar as patas. Em seguida, havia subidas e descidas tão íngremes que às vezes tínhamos que segurar nas crinas das mulas, em seguida apelar novamente para as relhas para não cairmos da sela. De vez em quando o trajeto passava por povoados totalmente isolados num trecho desmatado (...) (Baviera, 2013, p. 70).

7 Em 1925, na lateral esquerda (oposta à atual Rua do Lazer) da Igreja Matriz de Santa Teresa, foram confeccionadas quatro placas contendo os nomes dos chefes de família que participaram do processo de fundação do município. Entre os irmãos, apenas o nome de Domenico, trisavô deste autor, integra o singelo memorial. Seu nome é nono da terceira placa, da esquerda para a direita.

8 Sogro de Virgínia Tamanini.

9 Identificamos um documento, datado de 31 de outubro de 1878, reproduzido no jornal *A Atualidade* (nº 96, p. 04), no qual Lorenzo, e outros negociantes de Santa Cruz, defendem Aristides Arminio Guaraná contra supostas arbitrariedades praticadas por ele à frente da direção de Santa Leopoldina. A denúncia foi apresentada, a 15 de outubro, pelo ex-presidente da província do Espírito Santo, Afonso Peixoto de Abreu Lima, em discurso proferido na Assembleia do Rio de Janeiro. O abaixo-assinado atesta, portanto, que o casal permaneceu menos de três anos em Santa Teresa.

10 Cento e doze quilômetros separam os dois municípios, que integram a Macrorregião Central do Espírito Santo. De carro, o tempo médio de duração do traslado, que atravessa os territórios de João Neiva e Colatina, é de cerca de duas horas.

11 Comunidade fundada, na década de 1870, ao norte da sede municipal, na divisa com São Roque do Canaã. O distrito, outrora chamado de Petrópolis, em homenagem ao imperador D. Pedro II, foi oficialmente fundado em 24 de dezembro de 1895, durante o mandato do espanhol Francisco Villanova. No passado, era comum as pessoas se referirem ao distrito chamando-o de Barracão de Petrópolis. Até hoje, os teresenses o chamam de "Barracão", numa alusão à construção rústica de madeira na qual os imigrantes, sobretudo italianos, responsáveis pelo desbravamento das terras situadas às margens do rio Santa Maria do Doce, ficaram temporariamente alojados enquanto os lotes eram demarcados.

Um desentendimento ocorrido no seio do pequeno e infeliz grupo de Tamanini teria, mais tarde, um papel crucial sobre seu destino, uma vez que ele ficou só, doente e, conseqüentemente, vulnerável à tragédia que o abatera.

A 9 de março de 1883, o jornal “A Província do Espírito-Santo” comunicou o desaparecimento do trentino Lorenzo Tamanini: “Escrevem-nos de Santa Cruz, em data de 6 do corrente, noticiando o estranho desaparecimento do subdito italiano Tamanini Lorenzo, na Tapera da Lage, estrada do Guandú ao Conde d’Eu, território da ex-colônia Santa Leopoldina”.

O informante afirmara que Tamanini, debilitado pela angina¹², havia hospedado-se na casa do fazendeiro Francisco Vieira de Carvalho Milagres¹³, em Baixo Guandu. Apesar das insistências do proprietário para que ficasse, Tamanini decidiu prosseguir viagem para Conde d’Eu, “a fim de tratar-se no seio de sua família”. Porém, fatigado pela doença, viu-se obrigado a solicitar alimento e abrigo na casa de Manoel Ferreira Leal¹⁴, genro de Milagres, que indiferente aos apelos do trentino, recusou-se a acolhê-lo. Cansado e sem alternativas, Tamanini permaneceu nos arredores da propriedade e, no dia seguinte, foi visto pela última vez, pelo próprio Leal, deitado sobre um tronco carcomido em terras de sua fazenda. “Acrescentou mais que passando por ele não proferiu o infeliz uma só palavra: na volta a sua casa o tal Manoelsinho (?) não viu mais pessoa alguma”¹⁵.

12 A angina (angina pectoris) é causada pelo estreitamento das artérias que conduzem sangue ao coração. A limitação da irrigação sanguínea provoca uma deficiência no suprimento de nutrientes e de oxigênio nesse órgão. A dor é sinal de que o coração está recebendo menos sangue do que precisa. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/angina/>>. Acesso: 01 mar. 2023.

13 Natural de Cantagalo (RJ), filho de José Vieira de Carvalho e Porcina Angélica de Santa Rosa Rodrigues, foi um dos líderes fundadores de Baixo Guandu, território que, ao lado do pai, alcançara em 1866, influenciado pelas possibilidades de exploração das terras situadas na porção capixaba do vale do rio Doce (FERREIRA, 1985).

14 Natural de Nova Friburgo (RJ). Esposo de Maria Francisca Vieira Milagres, filha de Francisco Vieira de Carvalho Milagres e Antônia Maria Leal Milagres. Motivado pelo sogro, mudou-se para Baixo Guandu em 1869, com o objetivo de auxiliá-lo no processo de abertura e desenvolvimento da fazenda (FERREIRA, 1985). Nos jornais, ele foi chamado de “Manoelsinho de tal” ou “Manoel de tal”.

15 A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 168. Vitória: 11 mar. 1883, p. 2.

Ainda, de acordo com o declarante, uma discussão entre o caixeiro e o tropeiro resultou em ferimentos sofridos pelo caixeiro, que só tomou conhecimento do sumiço do patrão após retornar para Conde d’Eu. A desavença entre eles explica porque o trio se desfizera, de modo que Tamanini, às vésperas de seu desaparecimento, encontrava-se solitário. O redator, ao término da matéria, afirmou que as autoridades locais tomaram providências para averiguar o paradeiro de Tamanini e conjecturou as razões de seu sumiço apontado as seguintes hipóteses: crime hediondo ou “epílogo de um infortúnio amargurado”, propiciado pelo seu estado de saúde. Embora o cavalo de Tamanini e alguns objetos que supostamente lhe pertenciam, como os arreios e uma camisa, tivessem sido encontrados desde as primeiras buscas, faltavam indícios concretos que apontassem para o crime de homicídio.

A secretaria de polícia da província, a 9 de março, enviou ofícios aos subdelegados dos distritos de Limoeiro, atual município de Itarana, no qual cobrava o resultado definitivo das diligências; e Guandú, exigindo, sem perda de tempo, providências para o “descobrimento da verdade”¹⁶. No dia seguinte, outro ofício, destinado à subdelegacia de Limoeiro pelo chefe de polícia, ordenou a abertura de um inquérito, no qual Manoel Ferreira Leal fora intimado a depor¹⁷.

Diante dos resultados insatisfatórios das investigações, que não permitiram à Justiça pública tomar as medidas necessárias em caso de crime, como se suspeitava, a Promotoria recomendou ao delegado de Santa Cruz a realização de um novo inquérito¹⁸. Esse procedimento foi comunicado ao governo provincial pelo juiz do termo de Santa Cruz em 22 de maio.

Em princípios de junho, a viúva Cattarina Casandra queixou-se da abertura de um inventário dos bens pertencentes ao marido, realizada pelo juiz de Santa Cruz¹⁹. Provavelmente, ela esperava que o pre-

16 A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 170. Vitória: 11 mar. 1883, p. 2.

17 A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 171. Vitória: 13 mar. 1883, p. 2.

18 O HORIZONTE. ed. 64. Vitória: 16 jun. 1883, p. 2.

19 A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 241. Vitória: 10 jun. 1883, p. 3.

sente procedimento fosse instaurado somente após o encerramento do inquérito, haja vista que a fase investigatória ainda estava em curso.

No dia 20 de junho, a Província noticiou que o chefe de polícia repassara, ao juiz de Santa Cruz, os resultados das sindicâncias realizadas pelos subdelegados de Limoeiro e de Guandú. Passados mais de três meses, as dúvidas quanto às circunstâncias que provocaram o desaparecimento de Tamanini persistiam:

A justiça de Santa Cruz pedimos toda actividade para descoberta d'este mysterioso caso. Convem que fique verificado si o desaparecimento de Tamanini foi consequencia d'um crime ou si um incidente desastroso para na primeira hypotese serem punidos com a sancção do codigo o auctor ou autores²⁰.

Todavia, uma semana depois, o mesmo jornal comunicou que o delegado de Santa Cruz havia descoberto indícios de crime, embora a identidade do suposto assassino tenha sido omitida do texto, “por assim convir às diligencias da justiça publica”²¹. No entanto, as evidências coletadas não foram suficientes para permitir que as autoridades formulassem uma versão conclusiva do caso, conforme demonstrado no ofício enviado pelo juiz de Santa Cruz ao governo da província:

Juizo Municipal de Santa Cruz, 20 de junho de 1893 – Ilmo. E Exmo. Sr. – Cumprindo o despacho de V. Ex. proferido na inclusa petição de Catharina Tamanini, tenho a informar a V. Ex. que com relação ao desaparecimento de Lourenço Tamanini, marido da suplicante, procedeu o subdelegado do districto do Limoeiro a muitas diligencias, chegando a descobrir os **restos mortaes do referido Lourenço**²², não tendo porem podido obter esclarecimentos sobre a causa da morte, que que se supõe o resultado de um cri-

me; pelo que ha pouco seguiu para ali o Delegado de Policia afim de proceder a rigoroso inquerito como foi requerido pela Promotoria Publica²³.

Em outro trecho do documento, o juiz refere-se à abertura do inventário, feita a contragosto de Cattarina Cassandra, e rebate as acusações de cobranças indevidas, ligadas ao processo, denunciadas pela viúva:

Há mais de um mez ficou verificada a morte de Lourenço Tamanini, segundo declararam o subdelegado do Limoeiro e as pessoas que foram mandadas pela suplicante, que nehuma duvida oppôz em apresentar-se perante o Dr. Juiz Municipal e de Orphãos para dar bens a inventario, quando aquele Juiz compareceu no lugar Conde d'Eu, onde a mesma reside. Lourenço Tamanini, deixou alguns bens, nos quaes tem hoje parte um menor seu filho nascido neste paiz. Constando ao Juiz que os bens moveis e semoventes do espolio estavam sendo esbanjados pela suplicante com prejuizo de seu filho orphão, mandou o Juiz intimal-a para o inventario (...). Nada me consta com relação as ameaças e exigencias de dinheiro a que se refere a suplicante, e não vacilarei em affirmar ser isto inexacto, por attribuil-a a suplicante ao Dr. Juiz Municipal de Orphãos (...), que sempre trata de cumprir seus deveres sem lançar mão de ameaças, nem fazer exigências de tal ordem. As despesas feitas pela suplicante no Limoeiro (...) foram com o depositario dos animaes em numero de 13, que vinham carregados com fazendas e objectos de armarinho, e alli appareceram sem o dono, declarando os cargueiros que Lourenço Tamanini desapareceu n'um ponto antes, conhecido por Tapera da lage; pelo que o subdelegado d'aquelle districto pôs tudo em segurança, começando logo as diligencias para descobrir Tamanini²⁴.

Resignada, Cattarina Cassandra, por meio de seu procurador, enviou à imprensa uma cópia das despesas relacionadas à guarda dos animais e das mercadorias transportadas por eles, conforme mencionado

20 A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 248. Vitória: 20 jun. 1883, p. 2.

21 A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 254. Vitória: 27 jun. 1883, p. 2.

22 O grifo é nosso. Como se verá a seguir, a ossada encontrada não pertencia à Lorenzo Tamanini.

23 O HORIZONTE. ed. 71. Vitória: 05 jul. 1883, p. 1.

24 O HORIZONTE. ed. 71. Vitória: 05 jul. 1883, p. 1.

acima²⁵. Com isso, deduz-se que ela tinha a intenção de expor possíveis arbitrariedades ligadas ao processo e, assim, recuperar parte do dinheiro investido na quitação da referida dívida.

A 02 de julho, o chefe de polícia Antônio Ferreira de Souza Pitanga convocou os doutores Manoel Coulart de Sousa e Alfredo Paulo de Freitas para periciarem a camisa e os ossos encontrados em Tapera da Lage. No dia seguinte, os médicos realizaram os exames e concluíram que: (a) os ossos encontrados, sendo nove vértebras e quatro fragmentos, não eram humanos; e (b) a camisa, suja e deteriorada, não possuía mancha alguma de sangue reconhecível²⁶.

A peça de vestuário encontrada em Tapera da Lage, e cuja análise não revelou pistas do suposto assassinato de Lorenzo, foi citada por Virgínia, que deu à Karina a missão de montar uma equipe para encontrar o corpo do marido.

Na volta à fazenda, em Conde d'Eu, ela e seus companheiros foram recepcionados por muitas pessoas, entre elas, um velho amigo – o padre Martinelli:

Ao depor em suas mãos uma camisa rasgada de Arthur, ainda com os botões de ouro que ele tanto conhecia, senti-lhe a mão tremer. Seus olhos fixaram-se comovidos, mas seus lábios mantiveram-se fechados. Sob o brilho das lágrimas que corriam, meu olhar respondeu à pergunta que não fez (Tamanini, 2006, p. 115).

Diante da escassez de evidências e informações sobre o caso, algumas perguntas centrais permaneceram sem resposta, a saber: (a) por que os companheiros de Tamanini se desentenderam? (b) Manoel Ferreira Leal, a última pessoa a ver Tamanini com vida, omitiu informações à polícia? (c) Teria Tamanini discutido com ele ou com algum de seus empregados? (d) É possível que Tamanini tenha sido vítima de alguma tocaia, arquitetada por algum desafeto (antigo ou recente)? Esta última pergunta

ecoava uma observação feita por Teresa da Baviera, ao refletir sobre o *modus operandi* dos peões que a escoltavam (Baviera, 2013, p. 63):

Os peões a cavalo nos deram motivo para estudos não somente no que se refere ao idioma falado, mas também quanto à sua socialização. Entre eles se encontra um peão, cuja consciência está pesada há alguns meses por causa de um assassinato. Na época da ocorrência, o assassino teve que evitar a região por algum tempo. Agora ele havia retornado sem ser molestado e fora aceito silenciosamente no seu círculo, o braço da justiça não o havia alcançado. Esse tipo de acontecimento é bastante comum por aqui. Nessas regiões pouco habitadas, nas quais, durante vários dias de viagem, não pode ser encontrado nenhum funcionário público, as pessoas não contam com a proteção do Estado e precisam arranjar-se sozinhas e por conta própria, da melhor maneira possível. Se, desse modo, entre duas pessoas se cria uma relação de hostilidade, cada parte afetada fará de tudo para tirar o inimigo de seu caminho, para não ser ele mesmo tirado do caminho. Esse tipo de ato é considerado no Brasil como legítima defesa e assim é julgado. **No entanto, nada se ouve falar de assassinato por latrocínio nessa redondeza pouco civilizada**²⁷. É assim que um estranho, que se encontra afastado das inimizades dos colonos entre si, pode viajar com toda a segurança, talvez com maior segurança ainda do que em muitos lugares da civilizada Europa.

Assim, com base nas fontes analisadas, concluímos que, apesar da convicção das autoridades policiais e da família de Lorenzo sobre seu assassinato, a investigação não encontrou indícios suficientes para uma apuração eficaz, posto que o desaparecimento de Lorenzo permanece um mistério.

Quanto à viúva Cattarina Cassandra, ela refez sua vida ao lado do italiano Giuseppe Epifanio Gasparini, com quem casou-se, a 17 de outubro de 1883, no Ora-

25 O ESPÍRITO-SANTENSE. ed. 72. Vitória: 09 set. 1883, p. 3.

26 APEES, 1883.

27 O grifo é nosso.

tório de Conde d'Eu²⁸. Ao todo, eles tiveram sete filhos. Virgínia, nascida a 04 de fevereiro de 1897, foi a quinta a nascer.

3. O regresso para Santa Teresa

Após a morte de Arthuro, Karina, aconselhada pelo padre Martinelli, decidiu retornar à Itália. No entanto, em Vitória, conheceu Lessandro, com quem se casou. Depois de alguns anos vivendo em Conde d'Eu, o casal e seus quatro filhos – Bianca, Bruna, Piero e Marco, além de César, mudaram-se para Santa Teresa, adquirindo uma propriedade rural no Vale do Canaã²⁹. Lá, dedicaram-se ao cultivo de café e milho, fizeram pastagem, construíram um moinho de fubá, fundaram uma cervejaria e abriam uma casa de negócios. Assim, depois de um trágico revés, a bonança novamente acenava à Karina: “Ao amanhecer de cada dia, dava gosto ver tanta gente se movimentando a caminho do trabalho. (...) Tudo corria bem” (Tamanini, 2006, p. 138). Em Santa Teresa, nasceram as outras duas filhas do casal – Marieta e Bárbara.

Quando a protagonista se mudou para Conde d'Eu, Santa Teresa era um povoado pertencente à Santa Leopoldina. Agora, ela regressava, mais forte e madura, para um jovem município³⁰ que crescera apoiada

do na força de trabalho dos imigrantes e de brasileiros que se uniram a eles no desbravamento do interior capixaba. Resiliência, perspicácia e coragem marcariam sua jornada de mãe, esposa e empreendedora.

O município de Santa Teresa foi palco de dois eventos, ambos chocantes e de grande repercussão na esfera estadual, documentados por Virgínia em seu romance: um ataque de jagunços, dirigido contra a residência de Gustavo Beicher, sogro de Bianca e Bruna; que trouxe pânico à vila; e uma grave epidemia de varíola que, durante meses, assolou a população local, gerando mortes e incertezas.

Analisaremos, a seguir, tais eventos, apoiando-nos em fontes primárias, nas informações publicadas pela imprensa da época e no opúsculo Fundação e fatos históricos de Santa Teresa, publicado em 1925, durante as comemorações do cinquentenário de formação do município.

3.1. O atentado à casa de Gustavo Beicher (Jeronymo Verploet, 1893)³¹

“Uma rajada de pânico varreu a fazenda, quando Manezinho chegou de ‘Barracão de Petrópolis’ dizendo que viria a jagunçada³² do Mariano preparando os animais para subir a serra” (Tamanini, 2006, p. 188). Foi assim que Karina e Arthuro souberam que uma malta, sob a chefia de um conhecido e temido valentão local, aproximava-se da propriedade. Diante da iminência da chegada do bando, Lessandro ordenou aos empregados que pegassem comida, travesseiros e cobertores e buscassem abrigo para as crianças no mato, junto a uma cachoeira situada nas adjacências

28 O matrimônio foi registrado no Livro 1, Folha 003, da Paróquia de São Marcos, Ibirapu. Atualmente, o referido livro está sob os cuidados da Cúria Diocese de Colatina. A informação foi, gentilmente, cedida pela senhora Bernadete Coslop, por e-mail, em 13 de abril de 2022.

O vale liga a sede de Santa Teresa aos municípios de São Roque do Canaã e Colatina. Seu nome representa uma homenagem à obra Canaã, do autor maranhense José Pereira da Graça Aranha, que ocupou o cargo de juiz municipal da comarca de Santa Leopoldina de 11 de agosto a 25 de novembro de 1890. No romance, cuja primeira edição foi publicada em 1902, o autor cita a cidade de Santa Teresa doze vezes (BIASUTTI, 1994).

29 O vale liga a sede de Santa Teresa aos municípios de São Roque do Canaã e Colatina. Seu nome representa uma homenagem à obra Canaã, do autor maranhense José Pereira da Graça Aranha, que ocupou o cargo de juiz municipal da comarca de Santa Leopoldina de 11 de agosto a 25 de novembro de 1890. No romance, cuja primeira edição foi publicada em 1902, o autor cita a cidade de Santa Teresa doze vezes (BIASUTTI, 1994).

30 O município de Santa Teresa foi criado pelo decreto estadual nº 57, de 25 de novembro de 1890 e, solenemente instalado, a 22 de fevereiro de 1891, pelo suíço Alberto Sebastião Volkart, então presidente de Santa Leopoldina.

31 Os crimes praticados por quadrilhas que invadiram Santa Teresa nos anos de 1893 e 1895 foram reconstituídos no artigo – A criminalidade em Santa Teresa/ES sob a ótica do antagonismo político-midiático capixaba nos estertores dos oitocentos (1893-1895), no livro Lugares e Pessoas: Movimentos migratórios no Espírito Santo. A obra pode ser baixada, gratuitamente, no site <https://www.academia.edu/42281695/LUGARES_E_PESSOAS_Movimentos_migrat%C3%B3rios_no_Esp%C3%ADrito_Santo>.

32 Sobre a origem e a difusão do termo “jagunço”, bem como o modo pelo qual a população teresense apropriou-se do mesmo, sugerimos a leitura do artigo – A Jagunçada de Barracão: vingança, racismo e morte na comarca de Santa Teresa/ES (1897), do professor Francisco Roldi Guariz. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/33992>>.

da fazenda. Ele e Karina, Todavia, preferiram ficar. Quando os criminosos chegaram, encontraram o casal, fingidamente despreocupado, jogando cartas: “Num instante a venda se encheu de jagunços. O chapélio achatado na frente, o lenço preto no pescoço, davam-lhes esquisita uniformidade e faziam ressaltar a expressão selvagem que traziam na cara” (Tamanini, 2006, p. 192).

Mariano, o líder dos jagunços, certo de que não encontraria obstáculos para o cumprimento do plano que traçara, revelou ao casal o seu intento: “_ Bote uma cachaça, seu Lessandro. Preciso isquentá o pessoal pra armá coragi neles de pó fogo na casa do alemão” (Tamanini, 2006, p. 191). O tal “alemão”, na trama criada por Virgínia, era Gustavo Beicher, um bem-sucedido comerciante de origem germânica instalado na sede de Santa Teresa. O personagem foi inspirado no belga Jeronymo Vervloet³³, umas das figuras mais proeminentes da história de Santa Teresa, cuja família estabeleceu-se na colônia de Santa Leopoldina em 1859.

Quanto ao chefe dos bandidos, chamava-se Mariano Garcindo de Miranda. Natural da Bahia, mudou-se para Santa Teresa nos primeiros anos de sua fundação, na condição de funcionário de uma empresa inglesa encarregada de desenvolver estudos para a edificação de uma linha férrea que, atravessando o município, chegaria à Peçanha, na província de Minas Gerais³⁴.

Miranda foi o segundo presidente municipal de Santa Teresa, tendo sucedido o próprio Jeronymo Vervloet, a 23 de março de 1891. Pouco tempo durou

sua gestão, pois, passados somente seis meses, ele foi exonerado do cargo pelo presidente de estado Alpheu Adelpho Monjardim de Andrade e Almeida, o Barão de Monjardim (Guariz, 2019). Sobre a personalidade de Miranda e o episódio que marcou o fim precoce de sua administração em Santa Teresa, um correspondente do jornal *O Estado do Espírito-Santo*, escrevera:

[...] chegou aqui [em Santa Teresa] desgraçadamente quando a companhia inglesa estava fazendo o estudo da estrada ferro.

Veuu como trabalhador e logo deu signaes do que era e é, mostrando-se atrevido valentão.

Posteriormente conhecendo a índole calma e pacífica, e quasi ignorante de certos colonos, introduziu-se no meio d’elles, como lôbo disfarçado em pele de ovelha [...].

Este sujeito é cynico, vaidoso e ambicioso, e para poder chegar a seus fins malévolos empregou todos os meios a torto e a direito para avassallar os então estrangeiros; hoje brasileiros adoptivos.

Queria ele ocupar cargos, o povo puzera-lhe veto; indignado com tal procedimento do povo, filiou-se ao partido unionista, quem o nomeou presidente da intendencia municipal, em cujo posto e em tão pouco tempo que por felicidade d’estes municipio durou o domínio d’aquelle, praticou tantas das ciganagens [...], que enumerando-as e coligindo-as, daria materia para compor um livro.

[Miranda] fez tantas das bandalheiras e violencias que o Barão de Monjardim o demittiu a bem do serviço público [...]³⁵.

A sequência de crimes, supostamente cometida sob as ordens de Mariano Garcindo de Miranda, ocorreu na manhã do dia 27 de junho de 1893, no atual centro de Santa Teresa. Sua reconstituição baseia-se numa carta endereçada, a 03 de julho, pelo engenheiro Antônio de Araújo Aguirre à imprensa capixaba, publicada sob o título – *Tentativa*

33 Jeronymo Vervloet, então com 11 anos, emigrou para colônia de Santa Leopoldina em 1859. Em 1873, casou-se com a saxã Ida Barth. Cerca de dois anos depois, mudou-se para o Núcleo Timbuhy, atual Santa Teresa. No curso dos anos de 1870 e 1880, ele tornou-se o empreendedor mais abastado do município, e exerceu o cargo de Presidente da Intendência Municipal cinco vezes: de 22/02 a 23/03/1891 e de 30/01/1892 a 20/02/1892, como Presidente da Intendência Municipal; de 02/02/1900 a 01/06/1902, 01/09/1902 a 22/10/1903 e 22/02/1904 a 23/05/1909. Vervloet faleceu em 20 de maio de 1913, aos 64 anos (GUARIZ, 2019).

34 Uma equipe de engenheiros, com este propósito, visitou Santa Teresa em 1875. Cinco anos depois, a tarefa foi dada a uma nova equipe. A passagem do segundo grupo pela localidade foi lembrada por Ruschi (1939, p. 16): “Ainda em 1880, passaram, por esta região, os engenheiros, com as linhas de estudos da estrada de ferro Vitória a Peçanha”. Nenhuma linha férrea foi instalada no município.

35 O ESTADO DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 3181. Vitória: 12 ago. 1893, p. 1-2.

*de morte, roubo e incendio em Santa Thereza*³⁶.

De acordo com Aguirre, José Selleiro e um cúmplice dirigiram-se ao encontro do tabelião Manoel Lauriano de Bomfim Júnior, sob o pretexto de discutir assuntos relacionados à sua área de atuação profissional. O tabelião os recebeu em seu cartório, localizado junto à residência da família, momento em que foi repentinamente agredido pelos dois indivíduos. Ele e sua mãe sofreram ferimentos, tendo recebido golpes de facão sem gravidade. As agressões cessaram com a intervenção de Bernardo César, que disparou contra Selleiro, forçando-o a fugir³⁷.

Nas proximidades, outro grupo de criminosos invadiu a casa comercial de Jerônimo Vervloet, que se encontrava em Santa Leopoldina naquele momento. Os invasores abordaram sua esposa, a alemã Ida Barth, e exigiram a quantia de 10:000\$000 (dez contos de réis). Ela alegou não possuir o dinheiro exigido ou desconhecer o local onde seu marido o guardava. Irritados, os criminosos levaram cerca de 4:000\$000 (quatro contos de réis) em dinheiro, objetos de ouro e mercadorias. Em seguida, espalharam querosene em tecidos armazenados no interior do estabelecimento e atearam fogo no local. Graças à ajuda dos vizinhos, o incêndio foi controlado, e a família Vervloet sofreu um prejuízo de aproximadamente 12:000\$000 (doze contos de réis).

Logo após, o grupo dirigiu-se novamente à residência da família Bomfim que, prudentemente, havia se refugiado em um local seguro – “e como lá não encontrasse a família, estragaram os moveis, instrumentos de uma banda de musica e deitaram fogo no cartório e mais papeis”³⁸.

Por fim, os marginais saquearam a casa de negócios de Marco Fontana e atearam fogo nas residências do lavrador Pio de Pereira de Amorim e “um sobrinho de Antônio Roatti”, cuja casa foi completamente consumida pelas chamas (Guariz, 2019).

No desfecho da missiva, Aguirre chamou a aten-

ção das autoridades provinciais para o estado de insegurança no qual se encontrava a população de Santa Teresa e declarou que o medo de uma nova investida fez com que a vila ficasse deserta³⁹.

No romance, para a surpresa de Mariano, “um pequeno exército improvisado” enfrentou e repeliu seus jagunços. No confronto, Mariano foi baleado e conseguiu fugir, dois bandidos pereceram e, entre os defensores da vila, registraram-se quatro feridos.

Quanto à Gustavo Beicher, ele não teve a mesma sorte que Jeronymo Vervloet, uma vez que sua casa ficou reduzida a um “montão de entulhos fumegantes” (Tamanini, 2006, 195).

Não identificamos evidências definitivas da participação de Mariano nos crimes praticados em Santa Teresa. Ou seja, não sabemos se ele foi absolvido ou punido das acusações que lhe foram imputadas. Todavia, para o advogado Frederico Müller, o historiador do cinquentenário de Santa Teresa, não havia dúvidas: “Esteve aqui **um certo Mariano**⁴⁰ [...], acompanhado de diversos capangas, pondo em sobressalto a pacata população da Vila. Além de outras depredações, assaltaram a casa de negócio de Jeronymo Vervloet, ateando-lhe fogo e fugindo em seguida” (Müller, 2000, p. 59).

O modo desdenhoso com o qual Müller se referiu a ele demonstra que, qualquer que tenha sido o seu destino, o homem ambicioso, que se fixara em Santa Teresa em busca de prestígio e poder, foi relegado ao ostracismo, não tendo ocupado qualquer outro cargo de destaque na sociedade teresense.

36 ESTADO DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 3141. Vitória: 03 jul. 1893, p. 1.

37 ESTADO DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 3141. Vitória: 03 jul. 1893, p. 1.

38 ESTADO DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 3141. Vitória: 03 jul. 1893, p. 1.

39 Rumores diziam que a quadrilha havia seguido para Manhuaçu, Minas Gerais, para arregimentar mais criminosos. Felizmente, nenhum ataque ocorreu, e a vila só seria invadida por um grupo armado a 26 de dezembro de 1895, sob a chefia de um “tal Hygino de Alcamim” (MÜLLER, 2000, p. 59).

40 O grifo é nosso

3.2. A epidemia de varíola de 1904⁴¹

Em meados de 1904, a vida dos teresenses seria abalada pela irrupção de um surto epidêmico de varíola. Segundo o frei capuchinho Eugênio de Cômiso, pároco de Santa Teresa, a doença foi importada de Santa Leopoldina e manifestou-se, inicialmente, no seio da família Rodnitzky, em Santo Antônio do Canaã, no começo de julho. Em pouco tempo, “devido à ignorância e imprudência de muitos”, a enfermidade logo se espalhou: “O povo não acreditava que a doença fosse contagiosa pelo que com a maior indiferença os parentes visitavam aos parentes, e os amigos visitavam aos amigos, acompanhando ao cemitério os mortos” (Cômiso, 1904, p. 25).

Apoiando-se nos relatos deixados pelo sacerdote, registrados no primeiro *Livro do Tombo da Paróquia de Santa Teresa*, Virgínia narrou o avanço da doença enfatizando o altruísmo existente entre os colonos como um fator peremptório para a proliferação da moléstia:

A varíola lastrou como fogo por todo o Vale de Nova Valsugana. Não havia uma família que não estivesse atacada do mal. O que punha tudo a perder era a solidariedade entre os colonos na adversidade. Essa virtude cultivada pelos primeiros imigrantes, por se sentirem grupo à parte em terra estranha, tornara-se propagadora da morte. O contágio ia e vinha de casa em casa. A irrupção foi tão violenta, que famílias inteiras caíram de uma vez. O mal tomou proporções de tragédia (Tamanini, 2006, p. 221).

O governo teresense, na época presidido pelo trentino Carlos Adone Avancini, enviou um ofício a Vitória solicitando auxílio ao governo estadual, uma vez

que o município não dispunha de recursos para combater a doença. Desse modo, em 14 de julho, o Presidente de Estado Henrique da Silva Coutinho tomou as primeiras providências para conter o surto e tratar dos enfermos, enviando a Santa Teresa uma ambulância e o Dr. João Dukla Borges de Aguiar, médico do governo municipal de Vitória, “que tomará a si o trabalho dos enfermos, devendo também adoptar todas as medidas de prevenção para evitar a propagação do morbus”⁴².

Uma semana depois, segundo o Dr. Dukla de Aguiar, havia trinta e quatro pacientes com varíola no município, dos quais dois faleceram. Em 23 de julho, o número havia aumentado para cinquenta e oito. Nesse mesmo dia, o governo despachou vacinas e medicamentos para atender à população e designou uma força policial, que ficaria à disposição do médico responsável, com o propósito de implantar um cordão sanitário⁴³ no município. Cômiso, como veremos, queixou-se da truculência dos soldados, a quem chamou de “gente bruta e sem disciplina”. Tamanini, com base no registro do pároco, também descreveu as ações do destacamento militar:

Aquartelado em Santa Thereza, que tomou por sede, daí distribuía grupos de soldados para os pontos de desembocadura das estradas, atalhos e trilhos que viessem da parte atingida pela epidemia. Diversos volantes foram enviados para a nossa Fazenda, no pé de serra, porque era perto de encruzilhada. As ordens eram severas: daí pra cima ninguém podia passar. E quando alguém insistia, o sabre comia. Boatos subiam a serra: ‘Os Volantes faziam misérias!’ (Tamanini, 2006, pp. 221-2).

41 Pretendemos lançar um artigo para tratarmos, especificamente, desta epidemia que, até o presente momento, não foi devidamente examinada pelos pesquisadores que discorreram sobre a história de Santa Teresa. Um levantamento prévio, feito nos cartórios locais, revelou-nos que quarenta pessoas foram vitimadas pela moléstia, que atingiu, com mais intensidade, o distrito de São João de Petrópolis (62,5% das vítimas fatais). Sobre as origens e os sintomas da varíola e do combate à doença no Brasil, sugerimos a leitura dos artigos: História da Varíola, do médico e professor Antônio Carlos de C. T. Jr (TOLEDO JR, AC de C. História da varíola. Rev Med Minas Gerais, v. 15, n. 1, p. 58-65, 2005) e Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil (HOCHMAN, Gilberto. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, n. 2, p. 375-386, 2011).

42 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 164. Vitória: 15 jul. 1904, p. 1.

43 O cordão sanitário corresponde [...] a postos de vigilância para controlar e bloquear a entrada ou saída de uma área afetada por uma epidemia. O termo [...] nasceu na França no século XIX, quando em 1821 Paris enviou 30.000 soldados para bloquear a fronteira com a Espanha, a fim de impedir a propagação de uma epidemia de febre amarela. Mas bem antes dessa data, barreiras sanitárias foram estabelecidas durante grandes epidemias de peste [...]. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/01/24/interna_internacional,1116682/quarentenas-e-cordoes-sanitarios-receitas-antigas-para-grandes-epidem.shtml>. Acesso: 25 jan. 2024.

No início de agosto, o município registrava setenta e dois infectados e onze mortos. Além de Barracão, Santo Antônio e Nova Valsugana, a doença tinha se alastrado pelas comunidades de Santo Hilário, Tabocas e Santa Júlia⁴⁴. O Dr. Dukla de Aguiar havia vacinado cento e oitenta e seis pessoas e solicitou ao Dr. Manoel Monjardim, Inspetor de Higiene Pública, uma nova remessa de vacinas.

A 19 de agosto, através da Resolução nº 35, o governo estadual comissionou o Dr. Olympio Corrêa Lyrio para tratar dos variolosos em Linhares e Santa Teresa. No dia 23, o Dr. Dukla enviou um telegrama à Inspetoria de Higiene Pública comunicando que a doença fora extirpada em Santo Hilário, mas persistia em Tabocas, Nova Valsugana e São João de Petrópolis. O município, naquele momento, registrava trezentas e vinte e sete pessoas vacinadas, quarenta e cinco curadas, cinquenta e quatro enfermas e vinte e sete vítimas fatais⁴⁵. Três dias depois, em outro telegrama destinado à Inspetoria, o médico afirmou ter dado alta aos últimos pacientes de Mutum, cujas casas forma desinfecionadas, e que em Barracão de Petrópolis restava apenas um enfermo⁴⁶. No mês seguinte, a doença foi erradicada do distrito: “O Dr. Dukla de Aguiar, em comissão do Governo do Estado, telegrafou ao Sr. Dr. Inspector de Hygiene trasmitindo a bôa nova da extinção da varíola no Barracão de Petrópolis”⁴⁷.

Em 07 de setembro, o presidente Henrique Coutinho, em mensagem apresentada ao Congresso Legislativo Estadual, destacou sucintamente os problemas enfrentados com a varíola no início de seu mandato:

Com efeito, não foi dos melhores auspícios o desenvolver-se nos primeiros dias de meu governo uma terrível epidemia de varíola, que tendo penetrado no interior do Estado, tem obrigado o governo, a grandes

despesas com o fim de auxiliar os enfermos e localizar a peste (Espírito Santo, 1904, p. 29-30).

O governo municipal de Santa Teresa, em 14 de setembro, aprovou um crédito suplementar de 1:000\$000 (um conto de réis) para custear as despesas decorrentes do auxílio aos pacientes com varíola. Na mesma reunião, as autoridades teresenses analisaram uma petição do farmacêutico Henrique Thinnes⁴⁸, que solicitava uma gratificação pelas diversas viagens realizadas para assistir às famílias afetadas pela doença (Câmara Municipal, 1904).

Em fins de setembro, o Dr. Dukla retornou a Vitória e reassumiu suas funções como médico do governo municipal. Contudo, a assistência aos pacientes em Santa Teresa prosseguiu, visto que, em 11 de outubro, o governo estadual designou o Dr. Henrique Alves Cerqueira Lima para continuar o tratamento dos pacientes com varíola. O cuidado estendeu-se até dezembro, quando a doença foi finalmente controlada⁴⁹.

O desfecho da calamidade foi narrado pelo padre Cômiso – “Finalmente no princípio de Outubro a epidemia foi declinando, até que cessou completamente depois de ter semeado lágrimas e morte por bem três meses”. O sacerdote, testemunha ocular daqueles dias nebulosos, concluiu seu relato emocionante invocando uma prece ao Criador: “Que Deus misericordioso nos livre de semelhante doença – Amém” (Cômiso, 1904, p. 26).

O fim da epidemia e o retorno da volante à capital também foram saudados com alívio por Karina: “A varíola, depois de ceifar muitas vidas, se extinguiu e a Força Volante regressara a Vitória” (Tamanini, 2006, p. 233).

44 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 179. Vitória: 02 ago. 1904, p. 2

45 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 179. Vitória: 02 ago. 1904, p. 2

46 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 198. Vitória: 24 ago. 1904, p. 1.

47 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 201. Vitória: 27 ago. 1904, nº 201, p. 2.

48 Imigrante natural da Alemanha. Mudou-se para o Espírito Santo em 1888, aos trinta e dois anos de idade, ao lado da esposa Luísa e dos filhos Francisco e Mathilde (APEES. Projeto Imigrantes. Disponível em: <<http://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx>>. Acesso: 20 mar. 2020).

49 O CACHOEIRANO: Cachoeiro de Itapemirim: 04 dez. 1904, nº 97, p. 1.

3.2.1. O papel do médico: visões conflitantes

A 29 de setembro de 1904, o jornal *Estado do Espírito-Santo* saudava o retorno triunfante do Dr. Dukla de Aguiar à Vitória, salientando o trabalho profícuo, desenvolvido por ele em Santa Teresa, no enfrentamento da varíola:

Chegou do Baixo Timbohy, onde se achava há mais de dois meses em comissão do Governo do Estado, o nosso presado e distintivo amigo Dr. Dukla de Aguiar. Nesse período, relativamente pequeno, o ilustre clínico, zeloso e esforçado como é no desempenho dos cargos que lhe são confiados, conseguiu debellar a varíola que de modo assustador se espalhava por todo o município de S. Thereza, correspondendo satisfatoriamente à confiança do governo que tão acertadamente o comissionou. Abraçamos ao dedicado clínico, nosso distinto amigo Dr. Dukla de Aguiar, e transmitimos nossas felicitações aos habitantes de S. Thereza, agora livres do terrível mal⁵⁰.

Assim, para o governo estadual, Dukla de Aguiar desempenhou o papel que lhe fora designado com esmero e competência, considerando as deficiências da época. Estas incluíam a inexistência de uma estrutura hospitalar local, dificuldades de transporte e comunicação, e, em âmbito federal, a falta de conscientização da sociedade brasileira sobre os benefícios da vacinação. A obrigatoriedade da vacinação contra a varíola foi regulamentada apenas em 9 de novembro de 1904, graças aos esforços do renomado médico paulista Oswaldo Cruz, apesar das críticas de parte da classe política e da imprensa nacionais⁵¹.

50 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 228. Vitória: 29 set. 1904, p. 2.

51 A aprovação da vacinação obrigatória contra a varíola foi o estopim da Revolta da Vacina, insurreição de caráter popular que paralisou a cidade do Rio de Janeiro entre os dias 10 e 16 de novembro, quando foi decretado o Estado de Sítio, iniciado o controle da rebelião e a dura repressão aos revoltosos com prisões e deportações (Carvalho, 1987). Conforme Dandara (2022), somente em 1904, cerca de 3.500 pessoas morreram na cidade do Rio de Janeiro vitimadas pela varíola, e chegava a 1.800 o número de internações pela enfermidade apenas em um dos hospitais cariocas, o Hospital São Sebastião.

Ademais, ao que tudo indica, o médico possuía boas relações com os gestores teresenses. A 05 de outubro, por exemplo, ele participou de um banquete, realizado no Paço Municipal de Santa Teresa, em homenagem ao governador Antônio de Araújo Aguirre. Durante o jantar, o Dr. Dukla tomou a palavra e “com eloquência pouco comum, levantou o brinde de honra ao cidadão que actualmente dirige os destinos do Estado, o Exmo. Sr. Coronel Henrique Coutinho”⁵².

A imagem do médico apresentada pelas autoridades capixabas, no entanto, difere completamente do relato postulado pelo padre Cômiso, que o retrata como um indivíduo antiético, inescrupuloso e sem credibilidade perante a população local:

O Município levemente entregou tudo ao médico e aos soldados. O médico foi morar em São João de Petrópolis e pouco se importava com os doentes e por acaso visitava algum doente, não se atrevia a entrar em casa... ficava diante da porta – dava algum remédio... que os parentes do doente jogavam janella fora, pois não tinham nenhuma confiança nelle (Cômiso, 1904, p. 25).

Ao mesmo tempo em que atacou a figura do médico, Cômiso enalteceu a dedicação do farmacêutico Henrique Thinnes no socorro às famílias infectadas pela varíola: “Só o Sr. Henrique Thinnes, morador em S. Thereza, viajava continuando fazendo o que era ao próprio alcance... serviço este que durou pouco tempo, pois foi obrigado a se retirar” (Cômiso, 1904, p. 25).

Outro personagem importante apresentando no documento eclesiástico, que se destacou na assistência espiritual prestada às vítimas, foi o frei siciliano José Antônio de Ferla⁵³, vigário coadjutor da paróquia de Santa Teresa:

52 O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. ed. 233. Vitória: 05 out. 1904, p. 1.

53 De acordo com o padre José Corteletti, Ferla estabeleceu-se em Santa Teresa a 19 março de 1904. Era um homem de estatura baixa, austero consigo mesmo, amoroso com o povo e um trabalhador incansável (Disponível em: <http://www.paroquiasantateresadavila.org.br/ver-paroquia.php?id=59>. Acesso em: 10 jun. 2020). Em 1911, tornou-se vigário da paróquia de Santa Teresa, cargo que ocupou até a sua morte repentina na maior tragédia marítima da história brasileira: “Habitualmente sereno, conquistou a simpatia do povo. Distinguiu-se pela assistência aos atingidos pela epidemia de varíola em Santa Teresa. Deixou a Matriz

Dos lugares infectos muitos pediam ao Vigário que fosse visitá-los ou que ao menos mandasse um Padre para receber a confissão dos doentes. Naquela época o Rv. Sr. Eugênio de Cômiso, Vigário, se achava em Tabocas para tratar da saúde. Considerando tudo isto, o Sr. José Antônio escreveu ao Sr. Vigário umas cartas – expondo a grande necessidade que havia, e o dever, de não permitir que tantos fieis morressem sem sacramentos. Finalmente ficou combinado que o dito Sr. José Antônio fosse dar um passeio nos lugares que reclamavam a presença do padre. E com efeito foi visitar todos os doentes que pude, ficando no meio delles três dias - 6 . 7 – 8 de setembro _ Mas era muito pouco e outra vez foi ter lá - demorando-se 5 dias - 20 – 21 – 22. 23 – 24 de setembro. É impossível descrever o espetáculo que lhe se apresentava ... Doentes ... e mortos ... Havia casas em que os doentes estavam como amontoados ... em cada quarto – uns com febre outros coberto da cabeça aos pés de sangue e pus – outros agonisantes – Por falta de lugar, se viam no mesmo quarto grandes e pequenos, os filhos de um lado os pais do outro lado: uns gritavam pelas dores, outros resignados – rezavam – e sempre um fedor insuportável – Quando aparecia o Padre, todos ficavam admirados – todos choravam de consolação, e os que precisavam com piedade e fé recebiam os Santos Sacramentos.

Considerando a discrepância entre as fontes sobre o trabalho do Dr. Dukla em Santa Teresa, surge a questão: por que Cômiso criticou tão duramente seus serviços? A resposta, possivelmente, reside nos abusos cometidos pelos soldados encarregados do cordão sanitário no município:

Devido um pouco à ignorância do povo, e muito mais à brutalidade dos soldados se deram factos bem tris-

tes – Os soldados [eram] gente bruta e sem disciplina. Valentões fardados, cujo chefe era um preto feio como o demônio e homem perigoso. Era o protegido e o braço direito do Doutor – Homem sem freio [...], tendo que um dia um bom pai de família para defender a honra da própria casa ameaçada por aquelle valente, viu-se na necessidade de atirar nelle⁵⁴... Quem pode relatar os prodígios desta gente de ordem? Vou contar alguns só... Fiorindo Dalla Bernardina, voltava de S. Leopoldina: porque queria ir para casa - ao chegar no lugar onde se achavam os soldados foi preso, despido das vestes, e por noite inteira, como a Jesus Christo em casa de Pilatos, foram pancadas sobre pancadas ... e deixado quase morto ... E, hoje, [...] ainda se podem ver os signaes das caricias daquela noite fatal. – Dois tropeiros do Sr. Franz Hembler [...] no Rio 25 de Julho, foram baleados, saindo feridos um na barriga, outro numa perna.

Os atos de violência relatados ao padre, contra cidadãos que não representavam qualquer tipo de risco à ordem pública, o deixaram perplexo. Assim, ao documentar suas memórias, ele responsabilizou o Dr. Dukla de Aguiar pelas barbaridades sofridas pela população, asseverando que o chefe da volante era seu “braço direito”.

quase terminada. Era grande propagandista da imprensa católica. Voltando da Itália, pereceu no naufrágio do navio espanhol 'Príncipe de Astúrias', na madrugada de 6 de março de 1916, com mais 477 dos 654 passageiros. Tinha 41 anos de idade" (PEREIRA, Serafim J. Necrológio dos Frades Capuchinhos da Província de Nossa Senhora dos Anjos – 1849-1992. Rio de Janeiro: Cúria Provincial, 1992).

54 Na obra, o soldado João Candido é assassinado por Nuflo, genro de Karina. Não encontramos qualquer referência a este fato em outras fontes.

4. Conclusão

Com base na reconstituição dos fatos que influenciaram a produção de *Karina*, examinados neste trabalho, percebemos a dedicação de Virgínia ao revisitar o passado dos imigrantes italianos que iniciaram o processo de ocupação dos núcleos coloniais instituídos pelo governo imperial no último quartel do Oitocentos. A construção dos personagens e a forma como suas histórias se desenrolam revelam a maestria da autora em criar uma narrativa que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva. Destarte, a obra se afirma como um importante ponto de partida para discussões sobre identidade e resistência, sublinhando a relevância da literatura como um meio para explorar e compreender a complexidade da condição humana.

Com admiração e sensibilidade, Virgínia inspirou-se na trajetória de vida da mãe para conceber sua protagonista. Neste sentido, podemos afiançar que Karina personifica a força, a resiliência e o desejo irrefreável de milhares de mulheres imigrantes que perseveraram para progredir e legar uma pátria mais acolhedora para os seus filhos nascidos no Brasil.

A morte de Lorenzo Tamanini, na região do baixo rio Doce, representou um momento de dor e, ao mesmo tempo, de superação para Cattarina Cassandra. Viúva e com um filho pequeno para criar, ela sentiu o preço a ser pago pelo pioneirismo ao mudar-se para uma terra distante, isolada e hostil. Ao retratar a morte de Lorenzo, Virgínia inseriu na trama nuances e elementos cruciais levantados durante as investigações, como a descoberta de uma camisa que pertencia ao trentino e a identidade do homem apontado como seu pretensão assassino – o fluminense Manoel Ferreira Leal, a quem ela chamou de “Manuel Porcino”.

O segundo caso, reflete as condições de insegurança vigentes na vila de Santa Teresa e intrigas de ordem pessoal e política envolvendo o baiano Mariano Garcindo de Miranda, o tabelião Manoel Lauriano de Bomfim Júnior e o comerciante Jeronymo Vervloet. As divergências no plano político existentes no município repercutiam as disputas travadas na esfera estadual, entre os unionistas e os construtores, nos primeiros tempos da República (Guariz, 2019).

A projeção alcançada por Jeronymo Vervloet na sociedade teresense assegurou-lhe um lugar cativo no romance. Ele foi associado ao personagem Gustavo Beicher, comerciante abastado que teria sido alvo da índole violenta de um ex-empregado que migrara para o mundo do crime, transformando-se no chefe de um bando de jagunços.

Por fim, foi possível constatar, a partir da análise do último episódio histórico trazido a lume, que a narrativa apresentada por Tamanini sobre a epidemia de varíola, que atingiu a população teresense em 1904, fundamentou-se nas informações registradas pelo frei Eugênio de Cômiso no primeiro Livro do Tombo da Paróquia de Santa Thereza.

A reconstituição deste trágico evento, que vitimaria quarenta pessoas no município, nos permitiu constatar a atuação de indivíduos que se destacaram no apoio às vítimas, tanto na área clínica, como o alemão Thinnés, quanto na esfera espiritual, a exemplo do frei Ferla.

Outras questões narradas pelo padre Cômiso que merecem destaque são: o tratamento dispensado à população local pelos policiais e, sobretudo, o desempenho do médico no combate à doença. A problematização de diferentes fontes revelou visões antagônicas quanto ao trabalho do Dr. Dukla de Aguiar. Trata-se de um tema relevante, jamais devidamente estudado pelos pesquisadores que documentaram a história de Santa Teresa.

Passados setenta anos desde o seu lançamento, Karina continua sendo uma referência fulcral para aqueles que buscam compreender o contexto que marcou o surgimento das colônias italianas no interior do Espírito Santo, bem como as marcas da italianidade na atual sociedade capixaba. No entanto, em que pese a importância de Virgínia Tamanini para a literatura capixaba, sua obra foi pouco retratada em trabalhos acadêmicos, carecendo da sistematização merecida.

5. Referências

- A ACTUALIDADE.** ed. 96. Vitória: 31 out. 1878, p. 4.
- APEES. Processo 760, Cx. 703, 03/07/1883. **Auto de exame de uma ossada encontrada próxima do local onde desapareceu o italiano Lourenço Tamanine, no distrito de Limoeiro.**
- _____. **Projeto Imigrantes.** Disponível em: <<http://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx>>. Acesso: 20 mar. 2021.
- A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO-SANTO. ed. 168. Vitória: 11 mar. 1883, n° 168, p. 2.
- _____. ed. 170. Vitória: 11 mar. 1883, p. 2; ed. 171. Vitória: 13 mar. 1883, p. 2; ed. 241. Vitória: 10 jun. 1883, p. 3; ed. 248. Vitória: 20 jun. 1883, p. 2; ed. 254. Vitória: 27 jun. 1883, p. 2.
- BAVIERA, Teresa da. **Viagem ao Espírito Santo – 1888.** Vitória: Coleção Canaã, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013, v. 13.
- BIANCHI, Luiz Cláudio. O romance Karina e a imigração italiana nos caminhos trilhados pela protagonista. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2012. Disponível em: <<https://litteratura.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGL/detalhes-da-tese?id=5331>>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- BIASUTTI, Luiz C. **No coração capixaba: 120 anos de história da mais antiga colônia italiana no Brasil** – Santa Teresa/ES. Belo Horizonte: Barvalle, 1994.
- BIASUTTI, Luiz C.; LOSS, Arlindo. **São Roque do Canaã: uma história de fé, trabalho e vitórias.** Belo Horizonte: O Lutador, 1999.
- BISSOLI, Silvana Costa. **Os avatares da cultura italiana em “Karina”, romance de Virgínia Tamanini.** 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/items/a33c6aac-5dc3-4cd6-aed4-137e34117a2e>>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- BRASIL. **Lei 13.617, de 11 de janeiro de 2017.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13617.htm>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- BRUNA, Maria H. V. **Angina.** Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/angina/>>. Acesso: 01 mar. 2023.
- CÂMARA Municipal de Santa Thereza. **Acta da sessão ordinária de 09 de setembro de 1904. Santa Teresa: 1904,** p. 128-9. v. 3.
- CARVALHO, José M. de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COLBARI, Antonia. (1997). **Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira.** *Revista Brasileira De História*, 17(34), 53–74. <https://doi.org/10.1590/S0102-01881997000200003>.
- CÔMISO, Eugênio de. **A bexiga na Paróquia** – Anno 1904. In: Livro do Tombo da Paróquia de Santa Thereza, v.1, manuscrito, 1904, f. 25-6.
- CORTELETTI, José. **Frei Ferla.** Disponível em: <<http://www.paroquiasantateresadavila.org.br/ver-paroquia.php?id=59>>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- DADALTO, Maria C. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. In: **SINAIS** - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n.01, v.1, Abril. 2007. pp.57-74.
- DANDARA, Luana. **Cinco dias de fúria: Revolta da Vacina** envolveu muito mais do que insatisfação com a vacinação. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/cinco-dias-de-furia-revolta-da-vacina-envolveu-muito-mais-do-que-insatisfacao-com-vacinacao#:~:text=S%C3%B3%20em%201904%2C%20cerca%20de,cariocas%2C%20o%20Hospital%20S%C3%A3o%20Sebasti%C3%A3o.&text=A%20vacina%20antivari%C3%B3lica%20j%C3%A1%20havia,m%C3%A9dico%20Edward%20Jenner%2C%20na%20Inglaterra>>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- ESPÍRITO SANTO. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo** na abertura da Primeira Sessão da Quinta Legislatura pelo Presidente do Estado Coronel Henrique da Silva Coutinho em 7 de setembro de 1904. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720380&pesq=var%C3%ADola&pastano=20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=433>>. Acesso: 10 abr. 2023.
- ESTADO de Minas. **Quarentenas e cordões sanitários, receitas antigas para grandes epidemias.** Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/01/24/interna_internacional,1116682/quarentenas-e-cordoes-sanitarios-receitas-antigas-para-grandes-epidem.shtml>. Acesso: 25 jan. 2020.
- FERREIRA, Manoel M. **Histórias e Flagrantes de Baixo Guandu.** ed. 2. Vitória: 1985.
- FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX.** Vitória: 2014. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/colecao-canaa>>. Acesso em: 19 mai. 2023.
- GUARIZ, Francisco R. A criminalidade em Santa Teresa sob a ótica do antagonismo político-midiático capixaba nos estertores dos oitocentos (1893-1895). In: DADALTO, Maria C.; MARLOW Sérgio L (Org.). **Lugares e Pessoas: movimentos migratórios no Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.
- IBGE. **Cidades e Estados:** Santa Teresa. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/es/santa-teresa.html>>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- MÜLLER, Frederico. **Fundação e Fatos Históricos de Santa Teresa.** 2.ed. Vitória: IHGES, 2000.
- MUNIZ, Maria I. P. **Cultura e Arquitetura: A Casa Rural do Imigrante Italiano no Espírito Santo.** Vitória: EDUFES, 1997.
- O ESPÍRITO-SANTENSE.** Vitória: 09 set. 1883, n° 72, p. 3.
- O ESTADO DO ESPÍRITO-SANTO.** ed. 3141. Vitória: 03 jul. 1893, p. 1; _____. ed. 3181. Vitória: 12 ago. 1893, p. 1-2; ed. 179. Vitória: 02 ago. 1904, n° 179, p. 2; ed. 198. Vitória: 24 ago. 1904, n° 198, p. 1; ed. 201. Vitória: 27 ago. 1904, p. 2; ed. 216. Vitória: 14 set. 1904, p. 2; ed. 228. Vitória: 29 set. 1904, p. 2; ed. 233. Vitória: 05 out. 1904, p. 1.
- O HORISONTE.** ed. 64. Vitória: 16 jun. 1883, p. 2. _____. ed. 71. Vitória: 05 jul. 1883, p. 1.
- PEREIRA, Serafim J. **Necrológio dos Frades Capuchinhos da Província de Nossa Senhora dos Anjos – 1849-1992.** Rio de Janeiro: Cúria Provincial, 1992.
- RUSCHI, Enrico I. A. **Município de Santa Teresa.** Rio de Janeiro: IBGE, 1939.
- TAMANINI, Virgínia G. **Karina.** 14. ed. Vitória: IHGES, 2006.